

MOACYR SCLIAR

ZERO  
HORA

2 de junho de 1990  
SÁBADO

## Clube de Cultura

Quarenta anos está completando o Clube de Cultura. A mim este é um evento que diz muito. Conheci seus fundadores, entre os quais se destacava a figura lendária de Henrique Scliar, meu tio. O tio Henrique, como todos o conheciam, construiu o clube com suas mãos. Literalmente: muitas vezes o vi, no meio dos operários, carregando tábuas ou baldes de cimento. E o fazia em primeiro lugar pela fé que depositava no empreendimento; depois, pela veneração com que os velhos militantes encaravam o trabalho dos obreiros; e por último, porque cultura era sua vida. Cultura foi, numa época, a religião da esquerda. Entre parênteses, o Clube de Cultura representa um capítulo da longa e tormentosa história das relações entre esquerda e judaísmo. Uma história que começou cheia de esperanças — a Revolução Russa prometia aos judeus uma completa emancipação — entrou num período sombrio com o estalinismo, e chega agora a uma fase indefinida, em que a tolerância da perestroika convive com o velho anti-semitismo eslavo. Em 1950 o clima ainda era idílico.

A União Soviética emergia da Segunda Guerra como a força que havia derrotado os nazismos, e os crimes de Stalin não haviam sido divulgados. Mas os progressistas, como eram conhecidos os fundadores do Clube, eram minoria na

comunidade judaica, sobretudo por causa de suas idéias políticas. Isto não impediu que a agremiação do Ramiro Barcellos assumisse logo um papel de destaque na conjuntura cultural da cidade. Lembro, por exemplo, que a primeira divulgação pública da psicanálise foi feita lá, através de um ciclo de palestras que atraíram multidões (como estudante de medicina, ouvi as conferências duas vezes: no clube e depois nas aulas da Faculdade. Os palestrantes, muitos deles professores, matavam assim dois coelhos de uma cajadada. Eis uma profissão que não pode dar errado). Mas o golpe de 1964 acabou com a festa.

Dispersa a antiga diretoria (e ainda que o velho Henrique continuasse a postos) o Clube se transformou num refúgio da cultura alternativa, sobretudo para o teatro. O problema com esta cultura anticonvencional é que ela precisa de dinheiro convencional, e isto está faltando. Com a extinção dos subsídios e o clima recessivo da economia, faltam patrocinadores para as atividades. Mas um clube que existe há quarenta anos merece nosso apoio. Afinal, este foi o período que Moisés e os hebreus passaram vagando no deserto.

E a cultura brasileira não pode ser mais árida que o Sinai.